

# O (IM) POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE CRISTÃOS E O “POVO DE SANTO”

**Rubem José Seixas Cardoso Filho<sup>1</sup>; Humberto Luiz Lima de Oliveira<sup>2</sup>.**

1. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista FAPESB, Graduando em Letras com Francês, e-mail: [rubemseixas@gmail.com](mailto:rubemseixas@gmail.com)
2. Universidade Estadual de Feira de Santana, Orientador, Professor Dr. Adjunto, Departamento de Letras e Artes, e-mail: [humbert\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:humbert_oliveira@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** alteridade, diálogo, religiosidade.

## INTRODUÇÃO

Com embasamento nas publicações do pesquisador Humberto Luiz Lima de Oliveira, com enfoque na celebração da heterogeneidade, a presente pesquisa, atrelada ao projeto de pesquisa do autor supracitado *Imagens do Outro nos Retratos do Mundo: as relações entre gênero, etnia, raça, classe e os movimentos sociais. A busca do diálogo e as marcas da diferença...*, buscou trazer à luz da discussão a problemática acerca das (im) possibilidades do diálogo *interreligioso* entre cristãos e praticantes de religiões não ocidentais, neste caso, o candomblé e a Umbanda, tendo como plano de fundo e ponto inicial a intolerância e perseguição religiosas retratadas na obra *Tenda dos Milagres*, do escritor baiano Jorge Amado, visto que tal narrativa, operando “a desconstrução de conceitos de identidade e nação” pode ser lida como celebração da heterogeneidade voltada para a valorização da herança cultural afro-brasileira<sup>1</sup>.

## MATERIAL E MÉTODOS

Todos os suportes teóricos estudados e que dialogam com a leitura literária da referida obra apontaram para as dificuldades encontradas pelo chamado “povo de santo” para terem sua cidadania reconhecida e assim serem capazes de terem suas vozes escutadas. Se o etnocídio, enquanto prática de eliminação da cultura do outro para torná-lo “bom” ou parecido com o modelo identitário padrão fundamenta-se nessa incapacidade de dialogar com o Outro, representado pelo que está distante do modelo identitário, um olhar atento vai encontrar elos comuns entre as religiões mono ou politeístas, no caso, aquelas de base judaico-cristã e as de base africana como o candomblé, por exemplo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme se constatou nas primeiras leituras de cunho investigativo, o preconceito para com as religiões de descendência africana, ainda está presente na contemporaneidade, embora haja uma tentativa de estabelecer-se uma política de boa convivência, mediada pela

---

<sup>1</sup> O autor LIMA DE OLIVEIRA (2009) distingue afro-brasileiro, afro-caribenho, afro-cubano, observando que as heranças culturais gerariam no Brasil o candomblé, no Haíti o vodu e, em Cuba, a santeria. Lembra ainda o referido autor que seria incorreto afirmar o candomblé como sendo africano, posto que é decorrente dos encontros de culturas diversas tendo, de fato, a herança africana como lastro.

legislação de combate ao racismo ora em vigor. O fato é que as pessoas são cada vez mais confrontadas às relações interétnicas numa sociedade que se caracteriza pela pluralidade cultural e onde a cidadania, a partir deste século, tende a se consolidar. No entanto, embora se possa observar o esmaecimento de atitudes racistas, sobretudo a partir da aplicação rigorosa da legislação vigente, o preconceito com relação às religiões de base africana, isto é, as “religiões dos orixás”, ainda se faz sentir, posto que o racismo no Brasil tende a se caracterizar mais como étnico do que como decorrente da cor (Oliveira 2009). Esses mesmos indivíduos se entrecruzam como colegas de trabalho, vizinhos e até mesmo como familiares, mas quando se trata de reconhecer o outro em sua alteridade religiosa, este como praticante duma religião não ocidental, isso já não é possível.

Em concordância com a leitura de *Tenda dos Milagres*, onde o texto narrativo, pleno de interdiscursividade, vai mostrar o abismo social provocado pelos preconceitos contra descendentes de ex-escravos e também a discriminação contra todos aqueles que não seriam “bem nascidos”, a presente pesquisa buscou trazer à luz, através da produção de uma comunicação, o eixo central onde se sustentam as bases da discriminação e da indiferença que inviabilizam o diálogo interreligioso entre cristãos e seguidores do candomblé e da Umbanda.

Visto que *Tenda dos Milagres* “opera a desconstrução de conceitos de identidade e nação” e que tal narrativa pode ser lida como “celebração da heterogeneidade” (OLIVEIRA, 2003, p.145), mostraremos que a (im) possibilidade do diálogo centra-se na adoção da concepção de razão européia como modelo de razão padrão, o que torna, neste caso, as ditas religiões não ocidentais como cultos “incoerentes”, por não estarem de “acordo” com os liames dos preceitos sociais: ético, moral e religioso. Tais cultos seriam assim “impróprios”, pois ao se afirmarem politeístas, logo admitiriam um culto “supersticioso”, “irracional” e poriam em xeque a ideia de um deus único, tal como apreendido pelas religiões de base judaico-cristã, neste caso, o catolicismo e o protestantismo.

Nesse âmbito, nosso derradeiro passo será demonstrar que nosso problema de racismo não é de cor nem de “raças” como outrora se acreditava, nosso racismo é um problema de costumes, logo de etnia. A intolerância seria gerada pela não aceitação dos “costumes”, da religião, da língua ou das tradições do que seria o Outro e não pela existência desse outro em si mesmo, ou seja, a questão residiria no etnocídio, ou seja, reconhece-se que o outro pode ser bom e precisa ser “salvo”, mas para isso é preciso eliminar o “mal” que existe nele: a sua cultura, os seus costumes que o fazem “diferente” do Mesmo, detentor da “verdade”, do “belo” e do “bem”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Viu-se que é possível afirmar que a impossibilidade do diálogo entre os cristãos e o “povo de santo” reside justamente na preservação de um racismo, não de cor, nem de raças, mas sim de costumes, de etnia. Racismo este alicerçado na adoção de um padrão de “verdade”, “de belo” e de “bem” importados, adotado como modelo excludente. Portanto, para que se possa construir o diálogo e chegue-se a possíveis entendimentos, é necessário não apenas que se enxergue o Outro, como “algo” que também existe, mas que o compreenda e o aceite em sua alteridade, sobretudo no que concerne a religiosidade.

## **REFERÊNCIAS**

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, [19--?].

LIMA DE OLIVEIRA, Humberto Luiz. *La perception de l'« Autre » à travers "Ashin" (1960) d'Yves Thériault au Canada, "Tenda dos Milagres" (La Boutique aux miracles, 1969) de Jorge Amado au Brésil et "L'Espérance-macadam" (1995) de Gisèle Pineau aux Antilles.* Arras (France) Université d' Artois, 2009. (Thèse de doctorat).

MORIN, Edgar. *O Método 5. A Humanidade da humanidade.* Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLIVEIRA, H.L.L.de. Celebrações da diversidade em narrativas literárias do Brasil, do Quebec e da Turquia. In (orgs.) OLIVEIRA, Humberto L.L.de ;SOUZA, Lícia Soares de Souza. *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogo.* 2.ed. Feira de Santana:UEFS, 2003.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.* 2.ed Sao Paulo: Brasiliense, 1988

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil – Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações.* São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1985. Da humanidade.